

BIARD, UM PINTOR DA VIDA BRASILEIRA

Ernani Silva Bruno

O pintor e desenhista François Auguste Biard, que faleceu há um século (22 de junho de 1882), retratou, no Brasil, o imperador D. Pedro II, as princesas e outras personalidades de relevo na sociedade brasileira do Segundo Reinado. De sua autoria existe, no Museu Paulista, um retrato de Antônio da Silva Prado, o Barão de Iguape, restaurado em 1970. Mas seu nome, por outras razões muito mais importantes que essa, ficou ligado à literatura dos viajantes, que produziu tantos livros curiosos e interessantes focalizando o nosso país em várias épocas de sua existência. Com a particularidade de que ele foi – em seus desenhos e textos – principalmente um caricaturista da vida brasileira do século passado.

Artista de certo mérito na França, começou a viajar em 1827 pela Espanha, Grécia, Síria, Pérsia e Egito, na condição de professor de desenho da Marinha, mandando colaborações para as publicações periódicas dedicadas a assuntos geográficos e marítimos. Mas procurava, sobretudo, o **exótico**, o que fugia aos padrões tradicionais da vida nas regiões mais **civilizadas** da Europa. As cenas observadas lhe serviam de abundante material para “croquis” e quadros humorísticos. Mais como caricaturista do que pintor, fixava os tipos e costumes dos países visitados. Alguém escreveu que quando ele esteve mais tarde, na Groenlândia, portou-se com quem fizesse, até dos ursos e das focas, “comparsas da comédia humana”.

A fome de viagens e andanças de Biard não podia deixar de trazê-lo ao Brasil. Depois de breve estada em Pernambuco e na Bahia, aportou em maio de 1858 no Rio de Janeiro, onde se demorou e pôde instalar seu atelier numa sala do próprio Paço Imperial.

Mas, podendo viver com conforto na corte brasileira, cercado de prestígio e atenções, sua índole aventureira o levou a percorrer algumas regiões então semi-selvagens do Espírito Santo, onde anotou e desenhou muita coisa curiosa. Ao entrar na povoação de Santa Cruz, por exemplo, procurou em vão o alto frontispício de uma igreja que avistara de longe, com sua torre branca, ornatos, vasos esculpidos, sinos. Descobriu depois o mistério. A igreja tinha só a fachada. Vista de perfil, era apenas um muro escorado por grandes vigas. Aquilo lhe pareceu bem um símbolo da tentativa de se implantar, nos sertões brasileiros, uma civilização de base européia, tentativa que, às vezes, não ultrapassava os limites do verniz e da aparência.

Mais tarde, outra viagem lhe permitiu mergulhar no estranho mundo amazônico, aventurando-se pelas paragens remotas das margens dos rios Tapajós, Negro e Madeira, onde pôde surpreender, obviamente muito mais que no Rio ou no Espírito Santo, figuras e cenas encharcadas daquele exotismo que os europeus procuravam nos seus desenhos.

Suas andanças e suas estampas apareceram contadas e reunidas em 1862 em um livro, **Viagem ao Brasil**, que além do texto, apresentava inúmeras ilustrações executadas por M. Riou (que fora o ilustrador das obras de Júlio Verne), segundo os esquemas e os apontamentos e sob a direção do próprio Biard.

Esse livro foi traduzido e incluído na Coleção “Brasiliiana”, infelizmente sem as saborosas estampas da edição original francesa. Uma falha, sem dúvida. Que, a meus olhos, ainda tornou-se mais surpreendente quando um dia, retornando de uma viagem ao sul do continente, o pintor Aldemir Martins me presenteou com um exemplar do livro de Biard, **Viaje al Brasil**, editado no Chile, “con dibujos del autor”. Nesse volume — editado no Chile ! — reproduziam-se as 53 estampas da edição original, paisagens, tipos de rua e costumes, inclusive cenas que Biard foi, provavelmente, o único a registrar, como aquela em que aparece uma mestiça, à luz de uma vela, tirando dos pés do artista, com uma agulha, bichos de pé, esses animaizinhos que constituíam minúscula, mas terrível amostra da agressividade da natureza tropical.

O texto de Biard é caricatural e, às vezes, injusto e até grosseiro ao falar dos costumes brasileiros. Outras vezes, seu senso de caricaturismo lhe permitiu — o que de certo não ocorreria a um viajante mais austero e convencional — exercer a saudável denúncia de certas incoerências suspeitas mas consagradas pelas “tradições nacionais”. Como, ao assistir, no Rio de Janeiro, às comemorações do 7 de setembro, quando viu centenas de negros pelas ruas, gritando “Viva a independência do Brasil”, escreveu: “Sem compreender as próprias palavras pronunciadas, os pobres negros festejavam a liberdade de um povo de que eram escravos”.

Embora sem o valor documental das coleções de estampas de Debret e Rugendas e de texto que não se pode comparar aos relatos de viagem de um Luccock, de um Martius ou de um Saint-Hilaire, o livro de Biard bem que está merecendo uma reedição brasileira. Com as gravuras.

(Da Folha de São Paulo, 22/6/1982)